

INRC - INVENTÁRIO NACIONAL DE REFERÊNCIAS CULTURAIS FICHA DE IDENTIFICAÇÃO SÍTIO			CÓDIGO DA FICHA			
			ES	01	01 E 02	14 F10 01
			UF	SÍTIO	LOC.	ANO FICHA NO.

1. LOCALIZAÇÃO

DENOMINAÇÃO DO SÍTIO		ESPÍRITO SANTO
OUTRAS DENOMINAÇÕES		Não se aplica.
ESTADO		Espírito Santo
MUNICÍPIO		Conceição da Barra, São Mateus, Alegre, Anchieta, Cachoeiro de Itapemirim, Divino de São Lourenço, Itapemirim, Jerônimo Monteiro, Muqui, Presidente Kennedy, Castelo, Mimoso do Sul.
DISTRITO OU SUBDISTRITO		Não se aplica.
LOCALIDADES INVENTARIADAS	NO SÍTIO	Norte e Sul.
	NO ENTORNO	Não se aplica.

2. FOTOS

OBS.: PARA LISTA COMPLETA DAS FOTOS INVENTARIADAS, CONSULTAR O **ANEXO 2: REGISTROS AUDIOVISUAIS**.



Vista de Vargem Alegre, com a capela de São Sebastião. Vargem Alegre, Cachoeiro do Itapemirim - ES.
Foto: Guilherme Reis, 03/05/2014.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: SÍTIO**ES****01****01 E 02****14****F10****01**

Vista do Bairro Santo Antônio com a capela do padroeiro. Itapemirim - ES.

Foto: Guilherme Reis, 05/05/2014.



Centro Histórico de São Mateus, São Mateus - ES.

Foto: Bianca Pataro, 16/01/2014.



Igreja de São Benedito, São Mateus - ES.

Foto: Bianca Pataro, 16/01/2014.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: SÍTIO	ES	01	01 E 02	14	F10	01
--------------------------------------	-----------	-----------	----------------	-----------	------------	-----------

3. REFERÊNCIAS CULTURAIS

OBS.: PARA LISTA COMPLETA DOS BENS INVENTARIADOS, CONSULTAR O **ANEXO 3: BENS CULTURAIS INVENTARIADOS**.

SÍNTESE

A pesquisa em campo orientou-se pela identificação dos bens culturais relacionados ao universo do Jongo e Caxambu no Espírito Santo a partir de narrativas recolhidas entre os executantes da forma de expressão. O universo da pesquisa contemplou os praticantes da citada prática cultural, compreendendo os líderes dos grupos (em alguns casos chamados de mestres), os percussionistas, dançarinas, cantadores, fabricantes dos instrumentos, entre outros personagens envolvidos com o Jongo e Caxambu e que puderam narrar sobre os bens culturais que, historicamente, se associam a esta manifestação da ordem da cultura. Portanto, o universo cultural foi recortado com base no objeto da pesquisa, como exposto no projeto básico que orientou a contratação da elaboração deste INRC, delimitado de forma temática (Jongo) e territorial (Norte e Sul).

Procurou-se identificar os bens culturais a partir de conversas com membros dos grupos jongueiros e das observações da recriação da forma de expressão no Norte e no Sul. Assim, foi possível a apreensão de sua complexidade, contemplando, ainda, a identificação de atores e significados atribuídos ao Jongo; processos de produção, circulação e consumo; contextos culturais específicos e outras informações pertinentes. Não menos importantes foram as referências quanto à formação e continuidade histórica do bem imaterial em questão, assim como as transformações ocorridas ao longo do tempo, tomando como base a análise de suas mudanças e permanências. O inventário preliminar dos bens culturais considerou os grupos jongueiros como espaços sociais de recriação da forma de expressão, a partir do mapeamento realizado em 2012 no âmbito do projeto “Territórios e Territorialidades rurais e urbanas: processos organizativos, memória e patrimônio cultural afro-brasileiro nas comunidades de jongo e caxambu no Espírito Santo,” ressaltando que o desenvolvimento histórico dessa manifestação cultural apresenta no momento atual sua recriação associada a grupos delimitados, ou seja, com componentes que participam com frequência das apresentações. Segue a listagem dos grupos de Jongo e Caxambu identificados na localidade Norte:

- Jongo de Sant’ Ana - Conceição da Barra - Bairro de Santana
- Jongo de São Benedito e São Sebastião - Conceição da Barra - Distrito de Itaúnas
- Jongo de São Benedito das Piabas - Conceição da Barra - Comunidade de Barreiras
- Jongo de Santa Bárbara - Conceição da Barra - Comunidade Quilombola de Linharinho
- Jongo de São Cosme e Damião - Conceição da Barra - Comunidade de Porto Grande
- Jongo de São Benedito - São Mateus - Sede
- Caxambu de Santo Antônio - São Mateus - Comunidade de São Cristovão
- Caxambu Alegria de Viver - Cachoeiro do Itapemirim
- Caxambu da Velha Rita - Cachoeiro do Itapemirim
- Caxambu Santa Cruz - Cachoeiro do Itapemirim
- Caxambu do Horizonte - Alegre
- Banda de Jongo de São Benedito Sol e Lua - Anchieta
- Tambores de São Mateus - Anchieta
- Caxambu de Córrego Amarelos e Patrimônio da Penha - Divino de São Lourenço
- Jongo do Mestre Wilson Bento - Itapemirim
- Jongo-Mirim Crispiniano Balbino Nazareth - Itapemirim
- Caxambu da Andorinha - Jerônimo Monteiro
- Caxambú da Família Rosa - Muqui
- Jongo de Boa Esperança e Cacimbinha - Presidente Kennedy
- Caxambu de Castelo ou da Fazenda Santa Helena - Castelo
- Caxambu de Santo Antônio do Muqui - Mimoso do Sul

Os bens culturais significativos no contexto do Jongo e Caxambu foram identificados a partir das entrevistas com executantes ou informantes sobre a forma de expressão e da observação dos momentos em que as rodas foram recriadas no período de presença dos pesquisadores em campo, possibilitando vislumbrar e registrar seus processos de produção, circulação e consumo, além dos contextos culturais de ocorrência e de outras informações pertinentes.

Conceição da Barra

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: SÍTIO		ES	01	01 E 02	14	F10	01
-------------------------------	--	----	----	---------	----	-----	----

- Forma de Expressão: Jongo de Sant'ana (Bairro Santana); Jongo de São Bartolomeu (Bairro Santana); Jongo de Santa Bárbara (Comunidade Linharinho), Jongo de São Benedito e São Sebastião (Distrito de Itaúnas); Jongo de São
- Benedito das Piabas (Comunidade de São Benedito das Barreiras); e Jongo de Cosme e Damião (Comunidade de Porto Grande);
- Celebrações: Festa de São Benedito e São Sebastião, em Itaúnas; Ciclo de Festas de São Benedito das Piabas, do qual participa o Jongo de São Benedito das Piabas, da Comunidade de Barreiras
- Lugares: Casa do Santo na Comunidade Linharinho

São Mateus

- Forma de Expressão: Jongo de São Benedito (sede) e Jongo de Santo Antônio (Comunidade de São Cristóvão)
- Edificações: Capela de São Benedito
- Celebrações: Festa de São Benedito

Anchieta

- Forma de expressão: Banda de Jongo São Benedito Sol e Lua (Bairro Centro) e Tambores de São Mateus (Comunidade de São Mateus)
- Celebrações: Festa de São Benedito (Comunidade de São Mateus)
- Lugares: Casa do Mestre Valentim Manoel dos Santos (Comunidade de São Mateus)

Cachoeiro de Itapemirim

- Forma de expressão: Caxambu Alegria de Viver (Comunidade de Vargem Alegre), Caxambu da Velha Rita (Bairro Morro do Zumbi) e Caxambu Santa Cruz (Comunidade Quilombola de Monte Alegre)
- Celebrações: Arraiá da Liberdade na comunidade de Vargem Alegre e Raiar da Liberdade em Monte Alegre

Divino de São Lourenço

- Forma de expressão: Caxambu de Córrego Amarelos e Patrimônio da Penha (Penha)
- Celebrações: Festa de São Lourenço
- Edificações: Igreja Matriz do Sagrado Coração de Jesus

Itapemirim

- Forma de expressão: Jongo do Mestre Wilson Bento (Bairro de Santo Antônio) e Jongo-Mirim Crispiniano Balbino Nazareth (Bairro de Santo Antônio).
- Celebrações: Festa de Santo Antônio (Bairro de Santo Antônio)
- Edificações: Capela de Santo Antônio (Bairro de Santo Antônio)

Jerônimo Monteiro

- Forma de expressão: Caxambu da Andorinha (Comunidade Andorinha)
- Lugares: Casa de Oração Nossa Senhora Conceição, Glorioso Mártir São Sebastião e Glorioso Santo Antônio (Comunidade Andorinha).

Muqui

- Forma de expressão: Caxambú da Família Rosa (Comunidade de São Pedro)

Presidente Kennedy

- Forma de expressão: Jongo de Boa Esperança e Cacimbinha (Comunidades de Boa Esperança e Cacimbinha)

Castelo

- Forma de expressão: Caxambu de Castelo ou da Fazenda Santa Helena
- Edificação: Matriz de Nossa Senhora da Penha

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: SÍTIO	ES	01	01 E 02	14	F10	01
--------------------------------------	-----------	-----------	----------------	-----------	------------	-----------

Mimoso do Sul

- Forma de expressão: Caxambu de Santo Antônio do Muqui
- Celebrações: Festa Folclórica de Santo Antônio do Muqui

No que se refere às Formas de expressão, tem-se a observar que se trata do próprio Jongo e Caxambu, levando em conta as unidades executoras dessa manifestação cultural nos municípios alvo da investigação, os grupos como são chamados. Contudo, é necessário relativizar a estrutura como a forma de expressão é recriada na atualidade, considerando que o formato grupal é uma configuração contemporânea no processo de reprodução e transmissão do Jongo e Caxambu.

4. DESCRIÇÃO DO SÍTIO

OBS.: PARA LISTA COMPLETA DAS FONTES INVENTARIADAS, CONSULTAR O ANEXO 1: BIBLIOGRAFIA .

4.1. LOCALIZAÇÃO

O Sítio corresponde ao Estado do Espírito Santo.

4.2. PAISAGEM NATURAL E MEIO AMBIENTE

O território capixaba abrange 46.077,5 km². Sua extensão projeta-se de 17°53'a 21°19' Sul de latitude, e de 39°39' a 41°52' Oeste de longitude.

Quanto à caracterização morfoclimática, o território capixaba compreende duas regiões naturais distintas: o litoral e o planalto. Ao longo da costa atlântica encontra-se uma faixa de planície que representa cerca de 40% da área total do Estado. À medida que se adentra em direção ao interior se encontra o planalto que dá origem a região serrana, com altitudes superiores a 2.000 metros. Merece destaque a Serra do Caparaó que possui altitude máxima de 2.892 m, no Pico da Bandeira.

Em relação à vegetação, o Espírito Santo se divide entre a floresta tropical e a vegetação litorânea, que compreende áreas de mangue e de restinga.

O clima do Estado do Espírito Santo é tropical úmido, com temperaturas médias anuais de 23°C e volume de precipitação superior a 1.400 mm por ano, especialmente concentrada no verão.

No Espírito Santo, a hidrografia pertence à Bacia do Atlântico, Trecho Leste. Do ponto de vista hidrológico, o rio Doce é o principal curso d'água do Estado, que nasce em Minas Gerais e tem 944 km de extensão. No entanto, também se destacam os rios São Mateus, Itaúnas, Itapemirim, Jucu, Santa Maria da Vitória e Itabapoana.

4.3. MARCOS EDIFICADOS

Os marcos edificados aqui listados correspondem a bens imóveis referências para a prática do Jongo nas localidades Norte e Sul do Espírito Santo e foram inventariados por sua significância cultural no universo da forma de expressão. Dessa forma, não se considerou aspectos estéticos, mas a ligação entre os exemplares imóveis e a forma de expressão. Os templos católicos, nesse sentido, foram observados como espaços que se tornaram referenciais para a prática do Jongo no instante em que abrigam festejos em louvor aos santos homenageados pelos grupos ou que se relacionam às festas ou outros momentos de sociabilidade em que a forma de expressão é recriada nas comunidades.

- **São Mateus:** Igreja de São Benedito

A construção primitiva da capela data do início do século XVIII por obra de padres jesuítas. Contudo, até o final do século XIX recebia a denominação de Capela de Nossa Senhora do Rosário, entidade mariana também cultuada pelos negros. Ao longo do século XX passou a ser conhecida como Capela de São Benedito. Sempre esteve ligada às manifestações culturais e festividades ligadas à população escrava que vivia na localidade, seja no culto a Nossa Senhora do Rosário ou a São Benedito. Desde que as rodas de Jongo tiveram início na localidade, sem a possibilidade de datação precisa, a capela liga-se a essa forma de expressão, recebendo em seu adro os encontros de jongueiros para tocarem seus tambores e dançarem. Contudo, os religiosos europeus que viviam em São Mateus não gostavam que o Jongo fosse realizado na Capela de São Benedito, com saída desse padres e a chegada de outros mais liberais foi consentido que a forma de expressão acontecesse na área da igreja. Todo dia 26 de dezembro o Jongo de São

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: SÍTIO	ES	01	01 E 02	14	F10	01
--------------------------------------	-----------	-----------	----------------	-----------	------------	-----------

Benedito realiza a fincada do mastro do santo ao lado do templo e faz sua apresentação na programação da festa do santo. A capela encontra-se em bom estado de conservação e recebe atividades litúrgicas semanalmente, sendo bem frequentada pela comunidade local.

Em **Conceição da Barra** não foram identificados bens edificadas diretamente associados ao Jongo e Caxambu.

- **Castelo: Igreja Matriz de Nossa Senhora da Penha**

Principal templo religioso do município de Castelo/ES. As obras de sua construção tiveram início no ano de 1955 e foram concluídas no ano de 1965, contando com a participação voluntária da população local, composta em sua maioria por descendentes de italianos. O templo destaca-se pela beleza de seus vitrais e pela imponência de suas torres sineiras. O adro da Matriz de Nossa Senhora da Penha é local de realização de diversos festejos religiosos, como a Semana Santa (com encenação da Via Sacra), a Festa de Corpus Christi (2 de junho), a Festa de Nossa Senhora da Penha, padroeira do município (15 de agosto), e a Festa de Aniversário de Castelo (25 de dezembro). Nessas ocasiões ocorriam apresentações do grupo de Caxambu de Castelo, porém questões políticas levaram ao paulatino abandono da prática, bem como a morte dos praticantes mais antigos.

- **Divino de São Lourenço: Igreja Matriz do Sagrado Coração de Jesus**

Localizada no município de Divino de São Lourenço/ES, foi inaugurada no dia 7 de outubro de 1961, tendo sido construída no local onde existiu a primeira capela do povoado fundado nos primeiros anos do século XX, provavelmente em 1902. Quando de sua fundação, o povoado foi denominado “Divino”, nomenclatura que permaneceu até sua emancipação, em 05 de junho de 1964. A Matriz homenageia o Divino Espírito Santo, ao qual as terras que formaram o povoado teriam sido dedicadas quando de sua fundação. A principal devoção da localidade é a de São Lourenço. A junção das duas homenagens religiosas deu origem ao nome que o município guarda até os dias atuais. A Matriz do Divino Espírito Santo possui centralidade na cultura religiosa do município de Divino de São Lourenço, integrando o trajeto de diversas celebrações realizadas na cidade. A principal delas é a Festa de São Lourenço, realizada no dia 10 de agosto desde a fundação do povoado no início do século XX. Destacam-se também os festejos da Semana Santa, que ocupam três dias. Nessas celebrações ocorrem apresentações do grupo de Caxambu de Patrimônio da Penha e Córrego Amarelos, atraindo grande quantidade de moradores e visitantes vindos de municípios próximos.

- **Itapemirim: Capela de Santo Antônio**

Edificada em 1917, é a segunda construção mais antiga da cidade. Em seu adro acontece uma das mais tradicionais festividades locais, a Festa de Santo Antônio, realizada anualmente com novenário, quadrilhas, barraquinhas de comidas e bebidas, brincadeiras tradicionais e apresentações de Jongo.

5. FORMAÇÃO HISTÓRICA

OBS.: PARA LISTA COMPLETA DOS DOCUMENTOS ESCRITOS INVENTARIADOS, CONSULTAR O **ANEXO 1: BIBLIOGRAFIA**.

5.1. RESUMO

A região do Sapê do Norte abrange os vales dos rios Cricaré e Itaúnas, compreendendo, na atualidade, os municípios de Conceição da Barra e São Mateus. A área teve, em seu passado colonial, intensa relação com a chegada de populações africanas escravizadas ao Espírito Santo. A referência as populações negras tem sentido para pensar, justamente, sobre a ocupação histórica da região, considerando que os agrupamentos populacionais formaram-se a partir do assentamento de africanos escravos e libertos cujos descendentes, na atualidade, guardam a memória da escravidão. Percebe-se que existe relação entre a presença africana no contexto da escravidão e a prática do Jongo e Caxambu, certamente com formato diferenciado das recriações da forma de expressão hoje realizadas. Como exposto, as trajetórias históricas dos municípios de Conceição da Barra e São Mateus têm em comum a exploração das terras pelos colonizadores portugueses, servindo-se de mão de obra africana, sob o regime da escravidão. De acordo com Ferreira (2009, p.11):

A identidade de Sapê do Norte está vinculada à campesinidade negra presente nas terras de preto. Sua origem comum, os laços de parentesco, casamento endogâmico, saberes tradicionais e o modo de vida sempre inserido num padrão conflitivo com o sistema dominante tecem identidade neste espaço apropriado. Sob quaisquer origens, as terras de preto trazem em si a história de afirmação étnica de uma população negra outrora escravizada (...). Ali, os antigos escravos passaram a se afirmar enquanto grupos familiares que produziam.

Sobre Conceição da Barra, essa localidade teve sua fundação datada no ano de 1554, quando populações nativas que ocupavam a área foram afastadas da região e as terras foram tomadas pelo donatário Vasco Fernandes Coutinho. A

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: SÍTIO	ES	01	01 E 02	14	F10	01
--------------------------------------	-----------	-----------	----------------	-----------	------------	-----------

Vila da Barra de São Mateus, como foi denominada a povoação, era um dos grandes centros produtores e exportadores de farinha de mandioca da província. A produção de farinha ocorria nas fazendas escravistas em que aportaram africanos ali submetidos ao trabalho compulsório. As unidades produtoras foram concedidas pela Coroa Portuguesa a algumas famílias que realizavam o cultivo e o comércio da mandioca e de seus derivados, bem como de café, açúcar, madeira, entre outros. Em meio às famílias latifundiárias estabelecidas no atual município de Conceição da Barra destaca-se a linhagem Cunha, cujos descendentes eram proprietários de diversas fazendas que deram origem, entre outras, às atuais comunidades de Linharinho e Santana, em que foram localizados grupos de Jongo, bem como Angelin, narrado como local em que a forma de expressão também era realizada no passado. A época das fazendas produtoras de mandioca e da execução dos trabalhos pelos negros está presente na memória dessas comunidades, como relato por Dona Miúda, da Comunidade de Linharinho, zona rural de Conceição da Barra.

Antes nossas terras, a terra dos negros, que ficou dos negros... esses povo que trabalhou, os africanos que chegaram que trabalhou na mão de obra escrava [...] eles não tinham documentação de terra [...] Os tios dos meus avós é que tiveram que fazer aquelas documentações de terra. De [19]25 a [19]26 eles passaram as escrituras e dentro das escrituras eles passavam aquilo que eles queriam. [...] [seus antepassados trabalhavam no engenho de quem?]. De Rita Cunha. [...] Ficava assim, lá [depois do Córrego São Domingos] se encontrava Rita Cunha, aqui [Morro] se encontrava Antônia Pinheiro da Cunha, que era povo dela [de Rita Cunha]. [...] Meu avó [...] teve uma doação do filho dela. Então era toda a família, ia embora até São Mateus era pessoal... se encontrava esse povoss todinho de Rita Cunha, de Barão de Timbuí, que vinha de Itaúna pra cá, encontrava Zeca Moraes [...]. Então trabalhava muito negro e nessa situação que eles trabalhavam, eles tinham que pagar a Antônio Pinheiro da Cunha. [...] O Engenho, por exemplo, tinha café, tinha uma área que tinha café. Antes era cana, né? Fazia melado. [...] Depois virou pra torração de farinha, na época de Negro Rugério, Benedito Meia Légua, trabalhavam tudo nessa reta de Rita Cunha. Depois da ponte, pro lado de lá, era tudo Engenho.

Negro Rugério teve grande impacto na produção e exportação da farinha de mandioca. A presença desse escravo fugido, que formou um quilombo na propriedade da mencionada latifundiária, surge na fala de Dona Miúda ao destacar a torração de farinha no passado da comunidade. De acordo com Aguiar (2007 apud 2008, p. 37):

O escravo Negro Rugério, a fim de fugir dos maus tratos, se abrigou nos limites da própria Fazenda, a princípio, com mais trinta negros, onde formou o Quilombo do Morro. Dona Rita possuía uma área extensa de terras que abrangia desde a “margem norte do Rio Cricaré [em São Mateus] até o córrego São Domingos [em Conceição da Barra]”.

Existem referências que dão conta de identificar as terras que formavam o quilombo de Negro Rugério. Segundo consta, “pesquisadores concluíram que as comunidades quilombolas compreendidas entre os municípios de Conceição da Barra e São Mateus formavam, na verdade um grande quilombo – provavelmente o Quilombo do Negro Rugério - mas que hoje encontram-se fragmentadas”. (ROMANO, 2008, p.37).

No que se refere a São Mateus, as terras que hoje compõem essa localidade passaram a ser ocupadas com vigor a partir do século XIX, visto que no início do século XVIII, com a exploração das minas de ouro, a subida para o interior pelo Rio São Mateus foi proibida aos capixabas e demais exploradores, assim como aos mineiros foi rigorosamente controlado o percurso até o mar. Além disso, a presença na área de índios Botocudos, considerados bastante hostis pelos portugueses, dificultou a penetração nesse território.

A povoação de São Mateus foi elevada a categoria de vila em 1764, encampada à jurisdição da Capitania de Porto Seguro. Em 1823 a região voltou a integrar a então Província do Espírito Santo e sua elevação a cidade ocorreu em 1848. As boas condições de navegabilidade do Rio São Mateus (antigo Cricaré) transformaram esse curso d’água em via de escoamento da farinha produzida nas terras hoje pertencentes ao município até a Vila da Barra de São Mateus (atual Conceição da Barra) e daí para o mar.

A conjuntura de formação do município também foi polarizada pela mesma oligarquia que dominou as terras de Conceição da Barra, a família Cunha, sobretudo pelo Barão de Aimorés, filho de Antônio Rodrigues da Cunha e que possuía o mesmo nome do pai. A produção agrícola nas fazendas era realizada pela mão de obra escrava, com contingentes expressivos de africanos chegando pelo porto de São Mateus no século XIX, adentrando a região a partir do Oceano Atlântico pela Barra de São Mateus e daí subindo o rio. Russo (2011, p. 23) cita em nota de rodapé que:

Segundo o recenseamento realizado pelo Presidente da Província, Inácio Accioli de Vasconcellos em 1827, registrado em sua Memória Estatística da Província do Espírito Santo escrita em 1828, a população parda cativa de São Mateus era de 666 indivíduos e a negra cativa era de 2361 indivíduos, ou seja, um total de 3027 escravos, para uma população de 6255 pessoas.

A grande presença de escravos de origem africana é, portanto, fator semelhante entre Conceição da Barra e São Mateus, as duas integrando a área que ficou conhecida como Sapê do Norte e que fazem parte da Localidade 1 (Norte) do INRC do Jongo no Espírito Santo. Tal aspecto tem relevância considerando-se que, entre as narrativas míticas sobre o surgimento da forma de expressão, são recorrentes as associações com o contexto da escravidão. O surgimento do Jongo, como essa manifestação cultural é denominada nessa porção territorial, sem menções à sua designação como Caxambu, foi mencionado pelos entrevistados dessa região como produto do divertimento dos africanos após o labor nas lavouras, quando se reuniam nas senzalas e dançavam ao toque de tambores. Além disso,

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: SÍTIO**ES****01****01 E 02****14****F10****01**

os versos cifrados serviam para comunicação entre os cativos, sem que os senhores e capitães do mato pudessem interpretar as mensagens, muitas vezes de fuga.

Se a presença dos negros escravizados nas fazendas do Sapê do Norte e a perpetuação de suas estratégias de divertimento forem elementos levados em conta na interpretação dos fatores que favoreceram a existência do Jongo nessa região, justifica-se a reunião dos municípios de Conceição da Barra e São Mateus na Localidade 1 – Norte. O próprio dossiê de registro da forma de expressão considerou que o Jongo “se consolidou entre os escravos que trabalhavam nas lavouras de café e cana-de-açúcar no Sudeste brasileiro...” (IPHAN, 2007, p.14). A diferença encontrada no que se refere à produção econômica do Sapê do Norte, no século XIX, é a incorporação da farinha de mandioca entre a produção agrícola das fazendas dessa porção territorial do Espírito Santo, com a participação intensa do escravo aquilombado Negro Rugério entre os produtores e comerciantes de farinha.

Os atuais grupos jongueiros do Sapê do Norte mostram-se semelhantes no que diz respeito à sua inserção nos espaços urbanos e rurais, situação de renda, ocupação e formação escolar. Verificou-se em São Mateus e também em Conceição da Barra que os praticantes do Jongo encontram-se reunidos em grupos que se apresentam em festejos culturais e religiosos católicos. A maioria dos grupos encontra-se em áreas rurais, em comunidades negras formadas no passado colonial ou após o fim da escravidão. Foram localizados apenas dois grupos urbanos: Jongo de São Benedito, na área central de São Mateus, e Jongo de Sant’Ana, no bairro de Santana, antigo Quilombo Novo, na periferia de Conceição da Barra. Os praticantes da forma de expressão apresentam baixa renda (famílias com renda de até três salários mínimos), constituindo-se de lavradores, donas de casa, pedreiros e pescadores, com formação escolar elementar ou inexistente, em grande medida. Os componentes dos grupos, em sua maioria, recebem recursos do governo federal por meio do Bolsa Família, mantendo, portanto, os filhos na escola.

A partir da segunda metade do século XIX, a difusão do café recuperou o Espírito Santo da estagnação econômica vivenciada durante o século XVIII, quando o território serviu de barreira natural às minas de ouro. Atingido primordialmente o sul do estado, a produção cafeeira expandiu-se do Rio de Janeiro e Minas Gerais para as terras capixabas. No mesmo período, a região serrana recebeu fluxos de imigrantes, principalmente italianos e alemães, que também intensificaram o plantio do café nas montanhas.

A produção de café da região Sul iniciou-se com a utilização da mão-de-obra escrava. A distribuição da população da província, sobretudo dos cativos, modificou-se consideravelmente com o florescimento das unidades produtoras de café no Sul, com a definição de novos polos escravistas nessa porção territorial. A tabela adiante, reproduzida de Campos (2011, p. 87), apresenta a distribuição populacional, incluindo livres e escravos, com a concentração de cativos aumentando na região Sul (Itapemirim) em relação à Capital, no decorrer do Oitocentos.

Regiões	1824		1856		1872	
	Livres	Escravos	Livres	Escravos	Livres	Escravos
Capital	8.994	5.699	13.164	3.834	19.004	5.455
Reis Magos	5.445	1.704	8.485	1.841	10.281	2.562
Benevente	3.887	1.979	6.536	758	7.014	1.474
São Matheus	2.659	2.654	3.640	2.213	5.357	2.813
Itapemirim	2.332	1.148	4.968	3.454	17.822	10.355
Total ES	23.317	13.184	36.793	12.100	59.478	22.659

A produção cafeeira, como dito, espalhou-se também para a região serrana. Mas, nessa área, não ocorreu a utilização da mão-de-obra escrava, com os atividades sendo realizadas por imigrantes ali fixados. Assim como a explicação para a prática do Jongo no Norte do Estado vincula-se à presença de populações escravas, na porção Sul o surgimento do Caxambu, como a forma de expressão é ali normalmente designada, também se vincula à grande ocorrência de escravos atuando nas lavouras de café e desenvolvendo suas atividades de divertimento ao som de tambores. De acordo com Saletto (1996), a economia cafeeira capixaba teve seu maior desenvolvimento no Sul na região de Itapemirim.

Interessa destacar que os escravos destinados para o Sul do Espírito Santo eram, em grande parte, advindos do tráfico interprovincial, sobressaindo-se entre a escravaria os crioulos, escravos nascidos no Brasil. Saletto (1996), diz que a fonte de escravos para o Sul do Espírito Santo eram as províncias de Minas Gerais e Rio de Janeiro, o que explica o trânsito de saberes relacionados ao Jongo e Caxambu entre essas regiões (em Minas Gerais, sobretudo, na região de Carangola). Os deslocamentos das populações escravas foi assim abordado por Merlo (2008, p. 72):

Uma vez terminado o abastecimento de além-mar, a reposição dessa mão-de-obra estava comprometida e seu preço subiu rapidamente. Nas províncias do Sul, Rio de Janeiro – Vale do Paraíba – e São Paulo – região Oeste – a expansão do café exigia dos senhores maior quantidade de trabalhadores. Logo, o tráfico inter-regional de escravos tornou-se um grande negócio, tanto para quem vendia – pequenos proprietários em decadência – quanto para quem comprava – donos de grandes faixas de terra e escravarias, que precisavam de mais trabalhadores para aumentar a

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: SÍTIO	ES	01	01 E 02	14	F10	01
--------------------------------------	-----------	-----------	----------------	-----------	------------	-----------

produção. De acordo com Campos (2011, p. 94):

[...] o desenvolvimento da agricultura capixaba na primeira metade do século XIX não dispunha de capital suficiente para adquirir com regularidade os africanos desembarcados nos portos brasileiros. Predominavam nas escravarias da Província os crioulos. Quando o café impulsionou a economia da região, o tráfico já havia cessado e o ingresso de africanos trazidos de outros pontos do país não foi capaz de modificar a paisagem humana anterior, sobressaindo-se ainda os crioulos entre os escravos.

Foi relatado por Dona Canutinha, do grupo Caxambu Alegria de Viver, de Vargem Alegre, Cachoeiro do Itapemirim, que sua avó era escrava em uma fazenda de Valença, no Rio de Janeiro, e ao ser vendida para um fazendeiro de Cachoeiro do Itapemirim foi proibida de dançar o Jongo fazendo a coreografia da umbigada, considerada na localidade como indecente e inadequada. Nesse sentido, observou-se recorrente nas narrativas recolhidas em campo na Localidade Sul da atribuição da origem do Jongo e Caxambu aos escravos que viveram na região e dos quais muitos entrevistados dizem-se descendentes, em um processo de construção identitária.

Naquele tempo [da escravidão], os negros não tinham valor. Era só trabalhar, comia e apanhava. Então a filha do rei disse para o rei que [...] se ele não acabasse com a escravidão ele também ia pra forca, igual os negros ia pra forca. Então ele pensou, pensou e um dia 13 de maio aí ele começou a fazer as coisas tudo escondida pra não falar que ele ia acabar com a escravidão. Aí ia ser o dia da liberdade, 13 de maio, né? Aí quando foi no dia 13 de maio o povo foi para trabalhar e aí ele mandou que uns fossem cortar lenha [...] que as sinhás fosse matar galinha, outros foram matar porco, essas coisas assim pra fazer um festão, mas ninguém sabia não, era tudo escondido. E ele mandou fazer uma bandeira. Então quando foi, assim, na hora do almoço, aí tocava uma corneta, pro povo vir almoçar. [...] Nesse dia quando ele tocou a corneta aí ele chegou na varanda e disse que, e abriu aquela bandeira, e falou que tinha raiado a liberdade. Então o povo, daquele dia em diante, cada um ia fazer pra si e não era escravo mais, que a escravidão tinha acabado, tinha raiado a liberdade. [...] Aí diz que tinha, os que carregava a lenha, aí fez aquele monte, nem sabia fazer fogueira, fez aquele monte de pau pra poder botar fogo, e mandou, o rei mandou apanha uns caixote, aqueles que era mais inteligente batia e cantava, mas não tinha nem instrumento, não tinha nada. E justamente esse Caxambu que nós temos ainda é do tempo da escravidão.¹

A minha descendência é da África. [...] Eu sou da África. Eles, os pais deles vieram da África. Então eu também tenho que ter essa descendência. [...] Eles, os antigos, dentro da senzala, na hora que eles tinham aquela liberdade pra ir dormir, que era difícil, né? Eles começavam, eles viravam caixote de querosene [...] viravam dentro da senzala, ninguém ouvia, os fazendeiros iam dormir, e eles ficavam ali inventando música [...] eles inventavam aquelas letrazinhas, iam fazendo as músicas, iam cantando, e várias músicas, duas letrinhas, duas, três só. [...] E eles brincava aquela Caxambu, mas baixinho pra ninguém ouvir.²

Pelo que se nota, a intensa participação de negros escravizados no conjunto populacional do Sul do Espírito Santo também se coloca como elemento que propiciou a existência do Jongo e Caxambu. As rodas dessa forma de expressão, segundo os relatos, surgiram nas senzalas como distração após a labuta nas plantações. Além disso, foi narrado que os tambores soaram para celebrar a libertação dos cativos. Essa continuidade da forma de expressão no Sul do estado após a libertação pode ser atribuída, assim como no Norte, à fixação das populações escravas após a abolição, a constituição de famílias e a perpetuação das linhagens. De forma semelhante ao quadro encontrado no Norte, os executantes da forma de expressão apresentam baixa renda (famílias com renda de até três salários mínimos), constituindo-se de lavradores e donas de casa, com formação escolar elementar ou inexistente, em grande medida, e grade participação dos componentes dos grupos em programas de distribuição de renda do governo federal, como o Bolsa Família.

Com o final do período escravista e a transição para o trabalho livre não houve no Sul do estado condições para a manutenção das grandes fazendas, com a estrutura fundiária organizando-se em torno de pequenas propriedades familiares, vinculadas ao café. Essas propriedades de pequeno porte tiveram origem no partilhamento das fazendas, cujas terras foram sendo adquiridas por colonos ao longo do tempo. Entre as comunidades em que foram identificados grupos de Jongo e Caxambu no Sul capixaba, observou-se que a forma de expressão ocorre, sobremaneira, no meio rural, em áreas que abrigaram núcleos populacionais constituídos após a abolição da escravidão, com a fixação dos libertos.

5.2. CRONOLOGIA

DATA	EVENTO
------	--------

¹ V-Jongo_Entrevista-Maria Laurinda_Reis, Guilherme_Cachoeiro do Itapemirim-ES_03-05-2014_28m58s

² V-Jongo_Entrevista-Dona Canuta_Reis, Guilherme_Cachoeiro do Itapemirim-ES_03-05-2014_40m13s

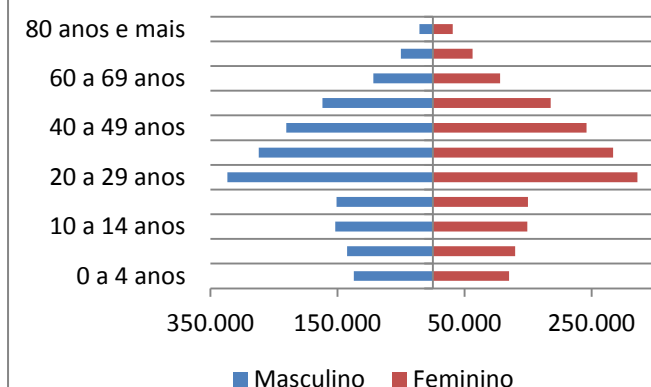
Século XVI	Início da ocupação histórica do atual Estado do Espírito Santo.
1554	Fundação de Conceição da Barra.
1764	A povoação de São Mateus é elevada a categoria de Vila.
Século XIX	Grande afluxo de africanos para o Brasil, com destaque para a região de Benguela (atual Angola) de onde, possivelmente, o Jongo foi trazido.
1988	Edição da Constituição Brasileira no contexto da redemocratização. Introdução do conceito de patrimônio imaterial e preocupação em valorizar aspectos culturais de todos os grupos sociais.
2000	Regulamentação do conhecimento do patrimônio imaterial por meio do Decreto nº 3.551, de 04 de agosto.
2006	Início da salvaguarda do Jongo e Caxambu pelo IPHAN com os grupos inventariados, incluindo o Jongo de São Benedito da cidade de São Mateus.
2007	Registro do Jongo no Sudeste pelo IPHAN como patrimônio imaterial brasileiro.
2008	Criação do Pontão de Cultura do Jongo e Caxambu, em Niterói, por meio do IPHAN e da UFF.
2009	Realização do Encontro Capixaba de Jongo e Caxambu.
2012	Realização do Encontro Capixaba de Jongo e Caxambu.

OBS.: PARA LISTA COMPLETA DOS DOCUMENTOS ESCRITOS INVENTARIADOS, CONSULTAR O ANEXO 1: BIBLIOGRAFIA.

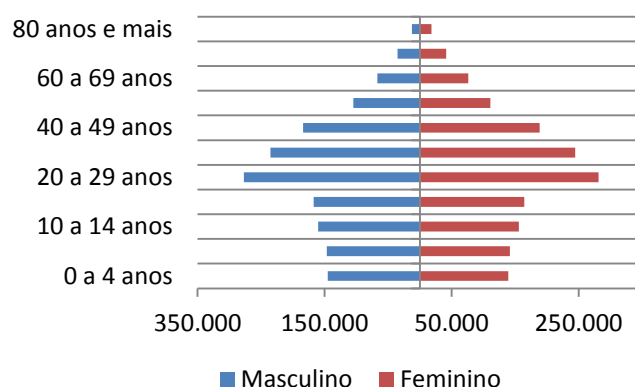
Ano	População	Taxa de crescimento anual
2010	3.514.952	1,41
2000	3.097.232	1,96
1991	2.600.618	2,5
1980	2.023.338	

2000

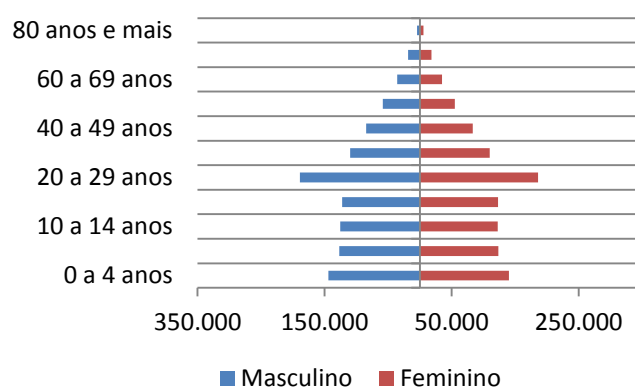
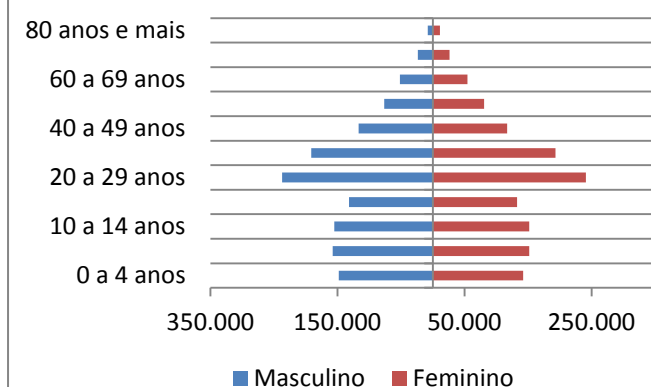
FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: SÍTIO		ES	01	01 E 02	14	F10	01
-------------------------------	--	----	----	---------	----	-----	----



1991



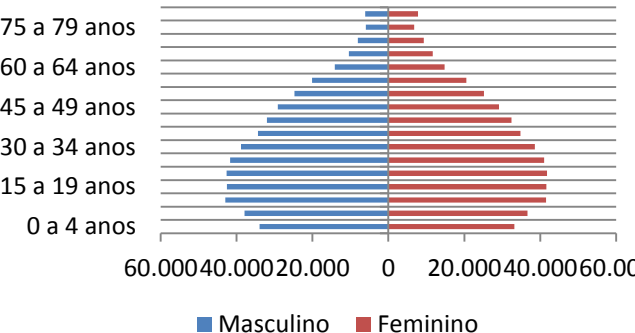
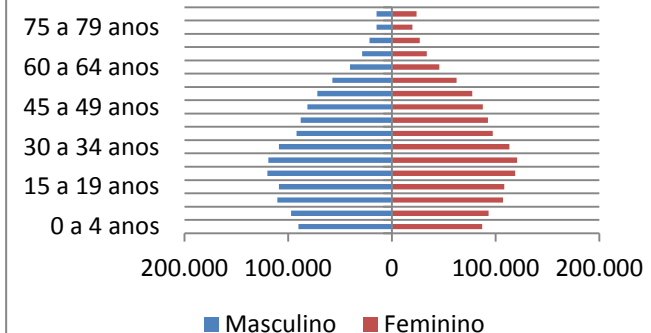
1980



2010

Norte

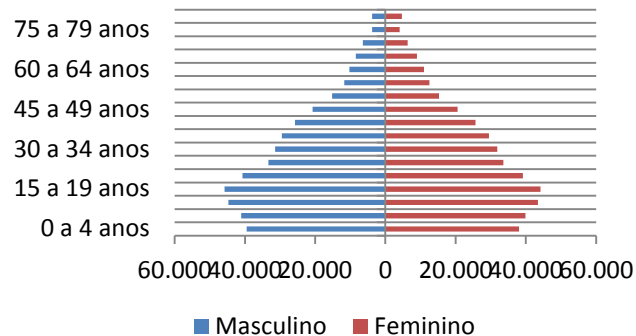
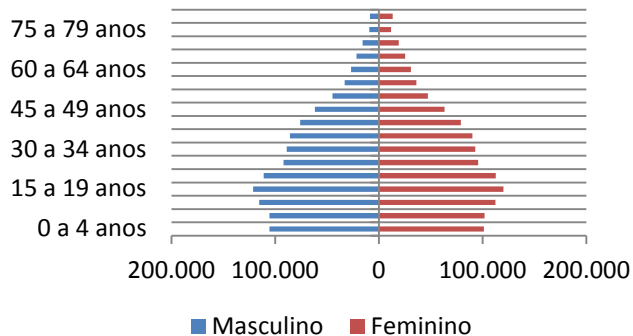
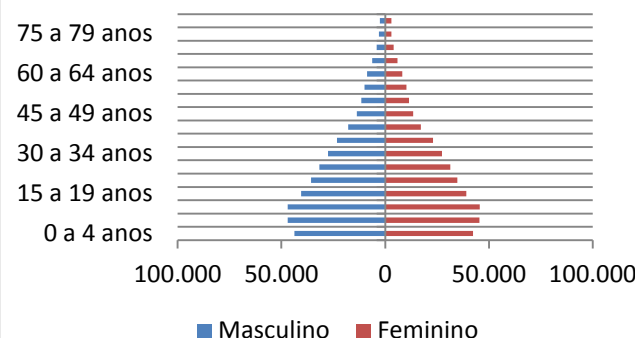
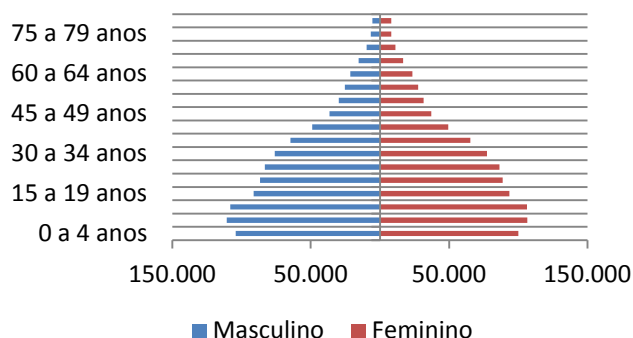
Sul



2000

Norte

Sul

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: SÍTIO**ES****01****01 E 02****14****F10****01****1991****Norte****Sul****6.2. QUALIDADE DE VIDA****Taxa de mortalidade infantil****Número de óbitos infantis (menores de 1 ano) por 1.000 nascidos vivos**

Região e UF	1980	1991	2000	2010
Espírito Santo		31,3	18,1	11,9
Brasil		44,4	26,1	16

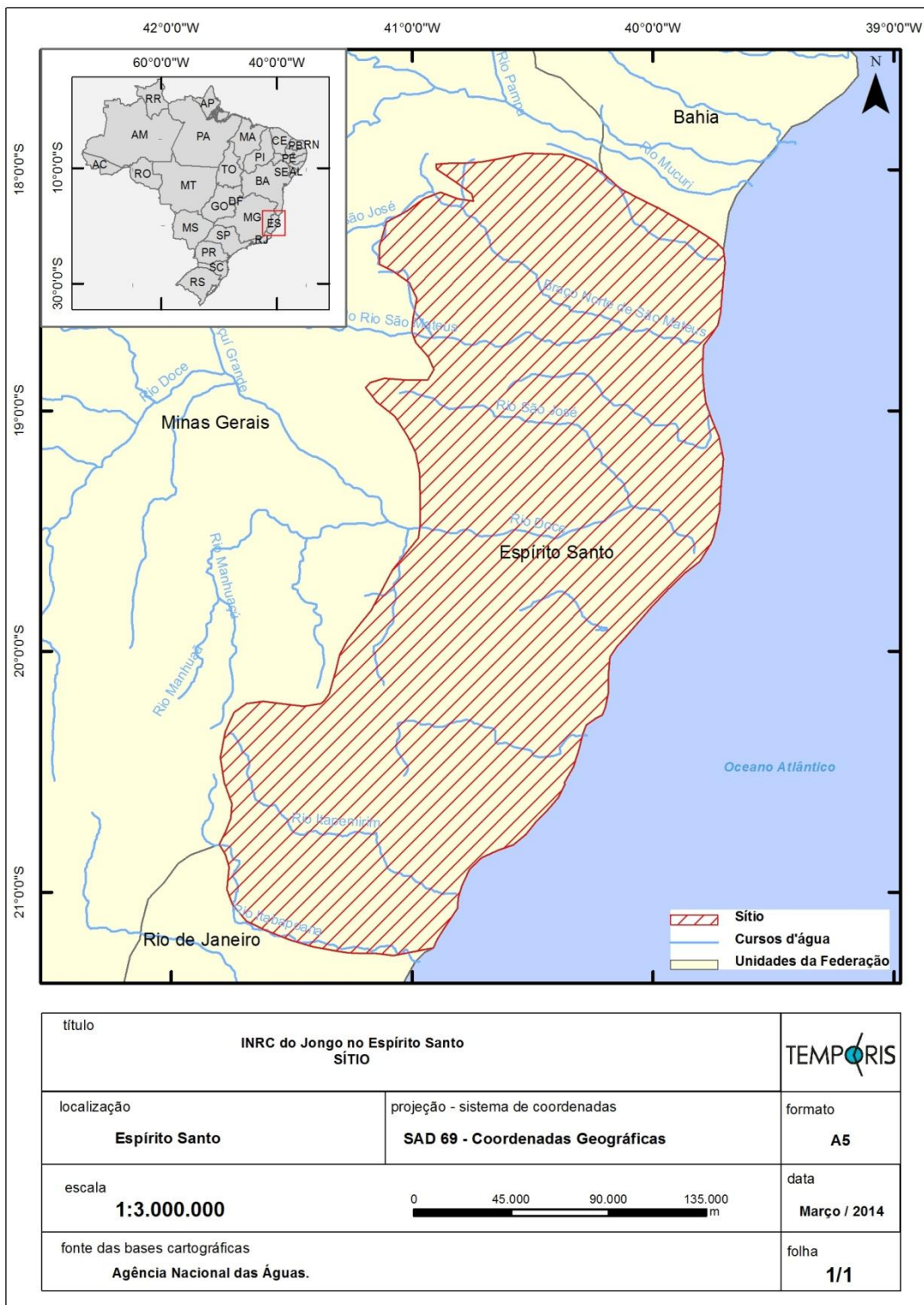
6.3. TRABALHO E RENDA FAMILIAR

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: SÍTIO	ES	01	01 E 02	14	F10	01
--------------------------------------	-----------	-----------	----------------	-----------	------------	-----------

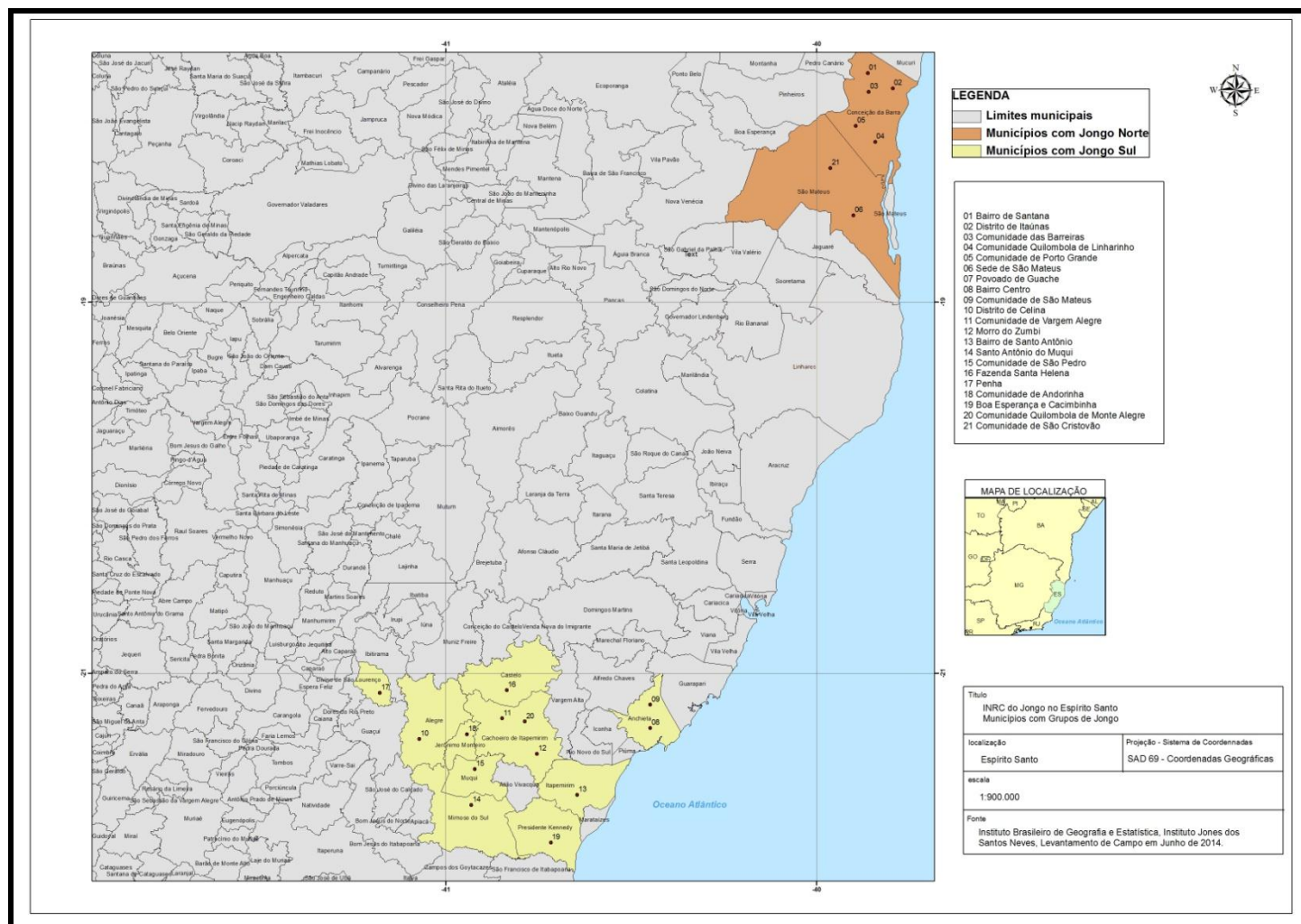
Renda média domic. per capita por Ano segundo Unidade da Federação Unidade da Federação: Espírito Santo Período: 1991, 2000, 2010				
Unidade da Federação	2000	2010	Total	
Fonte: IBGE. Censos demográficos 2000 e 2010.				
Notas: 1. Os valores da renda média domiciliar per capita é corrigido para todos os anos anteriores com base no INPC de setembro do último ano da série (2010). O valor de referência, salário mínimo de 2010, é de R\$ 510,00. 2. Não são apresentados os dados de 1991, pois, sendo um período de alta inflação, a comparabilidade dos dados é comprometida.				
TOTAL	570,26	795,33	690,07	
Esírito Santo	570,26	795,33	690,07	

6.4. EDUCAÇÃO

	Taxa de analfabetismo (15a e+) por Ano segundo Região e Unidade da Federação				
	Região e Unidade da Federação	1991	2000	2010	
	Espírito Santo	16,9	10,82	7,96	

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: SÍTIO**ES****01****01 E 02****14****F10****01****7. PLANTAS, MAPAS E CROQUIS**

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: SÍTIO	ES	01	01 E 02	14	F10	01
--------------------------------------	-----------	-----------	----------------	-----------	------------	-----------



8. LEGISLAÇÃO

INSTRUMENTOS DE PROTEÇÃO E PLANEJAMENTO AMBIENTAL E PATRIMONIAL

Constituição da República Federativa 1988: dispõe sobre a proteção aos bens culturais e os compromissos do poder público em sua conservação;

Decreto nº 3.551, de 04 de agosto de 2000: regulamenta o reconhecimento do patrimônio imaterial por meio do registro;

Decreto Estadual nº 626-N de 1975,: regulamenta o tombamento do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado do Espírito Santo.

DECRETO Nº 4.887, DE 20 DE NOVEMBRO DE 2003: DEFINE OS PARÂMETROS PARA IDENTIFICAÇÃO, RECONHECIMENTO, DELIMITAÇÃO DO TERRITÓRIO DESTAS COMUNIDADES, BEM COMO A TITULAÇÃO DAS TERRAS POR ELES OCUPADAS, SOB RESPONSABILIDADE DO INCRA, QUE PAUTA SUAS AÇÕES NA INSTRUÇÃO NORMATIVA 57, DE 20 DE OUTUBRO DE 2009.

9. AVALIAÇÃO E PERSPECTIVAS

9.1. PROBLEMAS E POSSIBILIDADES

Observou-se entre os grupos praticantes do Jongo e Caxambu no Estado do Espírito Santo, identificados neste INRC, que a salvaguarda é interpretada como a tutela estatal sobre os executantes da forma de expressão. Foram recorrentes os relatos sobre as necessidades financeiras dos grupos e a falta de ajuda dos governos (federal, estadual e municipal), ainda que tenha sido identificado o apoio dos governos locais, principalmente, na questão do transporte

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: SÍTIO	ES	01	01 E 02	14	F10	01
--------------------------------------	-----------	-----------	----------------	-----------	------------	-----------

para que os grupos participem de eventos culturais e festejos religiosos dentro e fora dos municípios. Percebeu-se que os grupos pesquisados esperam apoio do IPHAN para a melhoria de suas condições materiais, como compra de uniformes, instrumentos, meios próprios de transporte, até aposentadoria para os mestres. Nesse sentido, pode-se elencar como um problema a falta de articulação entre dos grupos para a definição de demandas comuns e a busca por soluções em âmbito local, por exemplo, com parceria do IPHAN para mediar o contato com órgãos culturais municipais. Uma possibilidade, nesse sentido, seria contribuir com os grupos no contato com as Prefeituras Municipais e, também, com paróquias católicas para que fosse discutido um calendário de atividades e festejos religiosos em que os grupos pudessem se apresentar, como é de costume em certas datas de festas santeiras, como Santana e São Benedito, em Conceição da Barra e São Mateus, respectivamente.

9.2. RECOMENDAÇÕES

Recomenda-se a realização de encontros com os grupos de Jongo e Caxambu identificados na localidade Norte, bem como com os demais grupos da localidade Sul, para que sejam esclarecidos pontos referentes à salvaguarda e analisadas as demandas dos grupos no que se refere à sua continuidade e condições para sua existência, bem como seja esclarecido a parceria do IPHAN no processo de valorização dos grupos.

10. DOCUMENTOS ANEXADOS

OBS.: PARA LISTA DOS DOCUMENTOS LOCALIZADOS, CONSULTAR O **ANEXO 1: BIBLIOGRAFIA**.

FORMULÁRIOS	
FICHAS DE IDENTIFICAÇÃO DE LOCALIDADES	F11 - ES 01 01 14 F11 01 - Ficha de Localidade Norte F11 - ES 01 02 14 F11 01 - Ficha de Localidade Sul
ANEXO 1: BIBLIOGRAFIA	Anexo1_Bibliografia
ANEXO 2: REGISTROS AUDIOVISUAIS	Anexo 2_registros audiovisuais
ANEXO 3: BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	ES 01 01 14 F1 A3 - Conceição da Barra ES 01 01 14 F1 A3 - São Mateus ES 01 02 14 F1 A3 - Alegre ES 01 02 14 F1 A3 - Anchieta ES 01 02 14 F1 A3 - Cachoeiro do Itapemirim ES 01 02 14 F1 A3 - Castelo ES 01 02 14 F1 A3 - Divino de S Lourenço ES 01 02 14 F1 A3 - Itapemirim ES 01 02 14 F1 A3 - Jerônimo Monteiro ES 01 02 14 F1 A3 - Mimoso do Sul ES 01 02 14 F1 A3 - Muqui ES 01 02 14 F1 A3 - Presidente Kennedy
ANEXO 4: CONTATOS	ES 01 01 14 F1 A4 - Conceição da Barra ES 01 01 14 F1 A4 - São Mateus ES 01 02 14 F1 A4 - Alegre ES 01 02 14 F1 A4 - Anchieta ES 01 02 14 F1 A4 - Cachoeiro do Itapemirim ES 01 02 14 F1 A4 - Castelo ES 01 02 14 F1 A4 - Divino de São Lourenço ES 01 02 14 F1 A4 - Itapemirim ES 01 02 14 F1 A4 - Jerônimo Monteiro ES 01 02 14 F1 A4 - Mimoso do Sul ES 01 02 14 F1 A4 - Muqui ES 01 02 14 F1 A4 - Presidente Kennedy

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: SÍTIO	ES	01	01 E 02	14	F10	01
--------------------------------------	-----------	-----------	----------------	-----------	------------	-----------

FICHAS DE IDENTIFICAÇÃO DE BENS	F40 - ES 01 01 14 F40 01 – Jongo de Sant'Ana F40 - ES 01 01 14 F40 02 – Jongo de Santa Bárbara F40 - ES 01 01 14 F40 03 – Jongo de São Benedito e São Sebastião F40 - ES 01 01 14 F40 04 – Jongo de São Benedito das Piabas F40 - ES 01 01 14 F40 05 – Jongo de Cosme Damião F40 - ES 01 01 14 F40 06 – Jongo de São Benedito F40 - ES 01 01 14 F40 07 – Jongo de Santo Antônio F40 - ES 01 02 14 F40 01 – Caxambu da Velha Rita F40 - ES 01 02 14 F40 02 – Caxambu Alegria de Viver F40 - ES 01 02 14 F40 03 – Caxambu Santa Cruz F40 - ES 01 02 14 F40 04 – Caxambu de Castelo ou da Fazenda Santa Helena F40 - ES 01 02 14 F40 05 – Caxambu de Córregos Amarelos e Patrimônio da Penha F40 - ES 01 02 14 F40 06 – Caxambu da Associação Folclórica de Santo Antônio do Muqui F40 - ES 01 02 14 F40 07 – Caxambu da Andorinha F40 - ES 01 02 14 F40 08 – Tambores de São Mateus F40 - ES 01 02 14 F40 09 – Banda de Jongo de São Benedito Sol e Lua F40 - ES 01 02 14 F40 10 – Caxambu da Família Rosa F40 - ES 01 02 14 F40 11 – Caxambu do Horizonte F40 - ES 01 02 14 F40 12 – Jongo do Mestre Bento F40 - ES 01 02 14 F40 13 – Jongo Mirim Crispiniano Albino Nazareth F40 - ES 01 02 14 F40 14 – Jongo de Boa Esperança e Cacimbinha
--	---

11. TÉCNICOS RESPONSÁVEIS

PESQUISADOR(ES)	Bianca Pataro Dutra, Raul Lanari, Mariana Gonçalves Moreira e Guilherme Reis		
SUPERVISOR	Mariana Gonçalves Moreira, Bianca Pataro Dutra		
PREENCHIDO POR	Bianca Pataro Dutra	DATA 27/10/2014	
RESPONSÁVEL PELO INVENTÁRIO	Ana Carolina Vaz Mariana Gonçalves Moreira		